A grande reportagem como criação literária: a experiência da Universidade Federal do Paraná[1]

Luiz Paulo MAIA[2]
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O ritmo industrial que tomou conta da atividade jornalística nos últimos anos fez cair bastante a qualidade do texto. O importante é informar primeiro, dar a notícia na frente da concorrência, sem muita preocupação com a investigação jornalística. As escolas de Jornalismo de uma maneira geral estão formando profissionais como uma fábrica numa linha de montagem. A grande reportagem, a busca de novos aspectos, a inovação no estilo, na linguagem deixaram de ser importantes na formação dos futuros profissionais. Para tentar suprir essas deficiências iniciamos um projeto de pesquisa, aliado a uma disciplina, onde o fazer bem é mais importante que fazer rápido.

PALAVRAS-CHAVE: investigação jornalística; linguagem literária; novo jornalismo.

"Memória é a construção do presente a partir do passado."
(Mario Bunge)

1.INTRODUÇÃO

O início do trabalho – que acabou resultando em projeto de pesquisa e disciplina optativa – com livro-reportagem na Universidade Federal do Paraná começou meio por acaso há exatos oito anos. Na época éramos responsáveis pela disciplina Redação Jornalística I, ofertada no segundo semestre do primeiro ano do curso de Jornalismo. O baixo nível do texto da maioria dos alunos, aliada à falta de informação de uma maneira geral e o pouco interesse pela simples leitura dos jornais diários nos levou a uma alternativa que visasse aprimorar o texto, a busca pela investigação jornalística, com o objetivo de melhorar o nível dos estudantes de Comunicação: além dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula - já que a disciplina busca acima de tudo a prática jornalística - a leitura de um livro-reportagem e a conseqüente elaboração do resumo. Como trabalho final uma reportagem especial, algo como um esboço para um projeto

[1] Trabalho apresentado no GT - Jornalismo e Editoração, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, e-mail: lupamaia@ufpr.br

maior, que poderia até ser transformado em livro-reportagem para trabalho de conclusão de curso.

O livro escolhido foi *Rota 66*, de Caco Barcellos, aproveitando a temática policial, que normalmente exerce um fascínio acentuado nos futuros jornalistas, além da presença constante no vídeo de um dos mais importantes repórteres da Rede Globo de Televisão. Para nossa surpresa a maioria dos alunos encarou de forma entusiasmada a tarefa e não foram poucos os que logo em seguida vieram pedir novas sugestões de leitura no mesmo formato. A primeira turma submetida a este tipo de exigência acabou apresentando três livros-reportagem como trabalho de conclusão de curso, fato que acabou nos levando ao amadurecimento da idéia de ofertar uma disciplina optativa e mais tarde partir para o projeto de pesquisa.

2.JUSTIFICATIVA

A imprensa atual oferece ao seu público, todos os dias, um jornalismo preocupado basicamente com a simples exposição dos fatos. Há tempos não existe mais nas redações o objetivo de transmitir ao público a informação como um todo, no seu contexto de realidade. Os jornais apresentam ao leitor somente o factual, não analisando as causas e conseqüências dos acontecimentos. A imprensa tem em mente, como sua única função, a de informar, fazer com que o público fique sabendo, não se preocupando em fazer com que as pessoas pensem, analisem e questionem os fatos.

Esta é uma das conseqüências do ritmo industrial que tomou conta das redações atualmente, agravado pelo jornalismo on-line e pela forte concorrência das empresas jornalísticas. Os jornalistas correm todos os dias atrás do “furo”, da notícia inédita, publicada antes de qualquer veículo. A preocupação hoje é maior com a rapidez da publicação do que com a qualidade e quantidade de informações que compõe o texto. Essa obsessão pela modernização já era apontada há mais de dez anos por Gabriel Garcia Marquez.[3]

> ...las empresas se han empeñado a fondo en la competencia feroz de la modernización material y han dejado para después la formación de su infantería y los mecanismos de participación que fortalecían el espíritu profesional en el pasado. Las salas de redacción son laboratorios asépticos para navegantes solitarios,

[3] Trecho do discurso do jornalista e escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez na assembléia da Sociedad Interamericana de Prensa em Los Angeles, em 7 de outubro de 1996. Disponível em http://www.saladeprensa.org/art425.htm

> donde parece más fácil comunicarse con los fenómenos siderales que con el corazón de los lectores. La deshumanización es galopante.

O ensino de Jornalismo na maioria absoluta das instituições superiores não oferece um cenário animador para uma mudança no jornalismo praticado atualmente. Há uma preocupação excessiva no ensino de técnicas práticas, com pouca ênfase em pensar um novo modelo a ser implementado. Sobre a formação do profissional disse ainda Garcia Marquez:

> El resultado, en general, no es alentador. Los muchachos que salen ilusionados de las academias, con la vida por delante, parecen desvinculados de la realidad y de sus problemas vitales, y prima un afán de protagonismo sobre la vocación y las aptitudes congénitas. Y en especial sobre las dos condiciones más importantes: la creatividad y la práctica.

O formando sai "pronto" para o mercado: ele sabe olhar para a câmera, fazer uma passagem, um texto enxuto para o rádio, outro mais enxuto ainda para o jornal on-line e assim por diante. Mas, e a qualidade deste mesmo texto? A investigação sobre um determinado assunto que mereceria mais que uma simples nota? A preocupação com questões sociais e com grupos que dificilmente conseguem espaço nos grandes meios de comunicação?

Para tentar suprir esta deficiência no ensino de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa em conjunto com uma disciplina, cujo objetivo é promover o enriquecimento de conteúdos sobre o tema, a partir do trabalho de pesquisa, para melhorar a qualidade do ensino de jornalismo, bem como tornar mais acessíveis para os alunos os procedimentos para a elaboração de livro-reportagem; e estabelecer alguns marcos metodológicos necessários e desejáveis, para a produção de uma modalidade especifica do jornalismo - o livro reportagem em todas as suas etapas.

A escolha do formato livro-reportagem para projeto de pesquisa e oferta de disciplina optativa ocorreu em função de ele permitir um aprofundamento muito maior que o permitido por outros meios, como o jornal impresso, televisão, revista, rádio ou Internet.

3.JORNALISMO LITERÁRIO

Uma das maiores dificuldades encontradas para a elaboração do projeto de pesquisa e da criação da disciplina foi escassez de estudiosos e teóricos que se dedicaram a escrever a respeito desse formato. Entre os autores brasileiros encontramos o professor de Jornalismo da Universidade de São Paulo, Edvaldo Pereira Lima, nos livros *O que é livro-reportagem* e *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.* Lima foi o primeiro autor brasileiro a fazer uma profunda reflexão sobre o tema.

Mais recentemente Carlos Antonio Rogé Ferreira lançou o livro *Literatura e jornalismo: práticas políticas,* onde mostra como literatura e jornalismo são práticas políticas, e enfatiza a natureza ideológica da comunicação.

Entre os autores estrangeiros, o que melhor trata do assunto é Tom Wolfe, no livro *El Nuevo Periodismo.* Nele o autor estabelece alguns marcos teóricos do chamado *New Journalism*, surgido nos Estados Unidos na década de 1960, período de forte contestação dos modelos sociais vigentes. Wolfe também foi um dos mais destacados integrantes do movimento. Foi justamente este movimento que estabeleceu definitivamente a aproximação entre o jornalismo e a literatura.

O *New Journalism* procurou afastar o jornalismo das técnicas tradicionais de cobertura, que se mostravam presas a fórmulas de escrita como a técnica do *lead* e da pirâmide invertida. O *New Journalism* propunha um afastamento desse modelo e pregava um mergulho profundo do repórter no tema a ser abordado, com a utilização de recursos literários para enriquecer a construção textual.

A obra considerada marco neste movimento foi *A Sangue Frio,* de Truman Capote. Publicada em 1965 em quatro capítulos na revista *The New Yorker,* e no ano seguinte em livro, contava a história do assassinato de quatro pessoas de uma mesma família no interior de Kansas, nos Estados Unidos. O autor passou mais de um ano na região entrevistando todos os envolvidos para construir um relato que mudou a forma de se fazer jornalismo. *A Sangue Frio* se tornou um referencial de técnica e estilo, unindo os detalhes da apuração com o brilho literário. Capote, entretanto, não gostava do rótulo *New Journalism* e preferia chamar sua obra de “literatura de não ficção”.

No livro de Tom Wolfe - que muitos esquecem que, antes de se dedicar ao jornalismo era doutor em literatura norte-americana – são estabelecidos uma série de procedimentos estilísticos relacionados com a linha narrativa:

a) ponto de vista da terceira pessoa – o autor desaparece do texto e assume o protagonista, de tal forma que se apresente ao leitor cada cena através dos olhos daquele personagem em particular. O personagem fala por si mesmo, contando a própria história, e não o jornalista.

b) construção cena por cena – construir o cenário e descrever as ações e personagens, contando a história saltando de uma cena à outra, evitando o recurso da mera narrativa histórica sempre que possível.

c) diálogo realista – reproduzir textualmente as palavras do personagem com seus interlocutores, com suas interjeições, redundâncias, entonações e modismos de linguagem. O objetivo é retratar da forma mais fiel possível os personagens.

d) descrição significativa – relacionar gestos do dia a dia, hábitos, modos, costumes, jeito de vestir, de decorar a casa, de viajar, de comer, de andar, etc. Uma série de detalhes simbólicos que possam existir em uma cena, como símbolos de status das pessoas, para que o leitor possa compreender todo o seu comportamento e sua posição diante do mundo.

e) caracterização composta – utilizar um personagem fictício como protótipo de uma série de personagens reais. A técnica é discutida em função da discussão sempre levantada entre a tênue linha que separa o jornalismo da ficção. Mas não deixa de ser um recurso válido quando o objetivo é preservar a identidade de determinada pessoa.

f) nova linguagem jornalística – a linguagem jornalística abandona a aparência de ordem e segurança para submergir em uma percepção sensorial, emotiva e caótica do mundo. Tom Wolfe fala de seus personagens com suas manias e sua forma peculiar de se expressar. Trata-se de escrever como os personagens falam e pensam.

g) metajornalismo – o novo jornalismo fala com freqüência de sua própria elaboração, com o objetivo de dissipar as dúvidas sobre a veracidade ou credibilidade do artigo ou reportagem e com ele também, sobre a honestidade do autor. Muitas vezes é praticado na primeira pessoa, com o autor explicando como teve acesso ao material apresentado e reflete sua própria percepção sobre o assunto.

h) imagens – o novo jornalismo utiliza a força das imagens, o impacto visual para criar uma aproximação emocional, quase instintiva, mais que intelectual, a um mundo cada vez mais complexo. As exclamações, as repetições intermináveis de palavras, o uso de

termos às vezes sem significado literal dentro de determinado contexto apelam constantemente ao mundo sensorial do leitor. (Wolfe, 1975: 26-30)

4.JORNALISMO LITERÁRIO E LIVRO-REPORTAGEM NO BRASIL

O livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, é considerado por muitos como um dos primeiros, senão o primeiro, livro-reportagem brasileiro. O principal argumento favorável à sua inclusão na lista de livros-reportagem é justamente o fato de, antes de virar livro, ter sido publicado, em capítulos, no jornal *O Estado de São Paulo*, do qual Cunha era repórter, em 1902.

Dois veículos lançados no Brasil em 1966 teriam sido - influenciados pelo *New Journalism* - a grande escola da moderna reportagem brasileira: a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* (Lima, 1993: 146). *Realidade* não se prende ao fato do dia-a-dia, propõe sair da ocorrência para a permanência. Seus temas não são os fatos isolados imediatos, mas sim a situação, o contexto onde esses fatos se dão (Lima, 1993:170).

Enquanto isso, o *Jornal da Tarde* se propõe a tratar da cidade de São Paulo como palco preferencial de cobertura. O modelo sofre alterações ao longo do tempo, mas consegue firmar duas tendências de forma – a excelência da linguagem plástica, criatividade do texto literário – e uma tendência de fundo – a busca da interpretação (Lima, 1993: 177).

É importante ressaltar também que no período do lançamento das duas publicações estávamos em plena ditadura militar. Assuntos políticos polêmicos não tinham espaço algum nos meios de comunicação. Os veículos então procuravam temas sociais, histórias humanas que mostravam a desigualdade social e traçavam um retrato do Brasil sem serem incomodados com a censura presente em todas as redações.

No final dos anos 70, a editora Alfa-Ômega lançou a coleção História Imediata, que tinha um formato híbrido entre o livro e a revista – ausência de periodicidade do livro, formato e diagramação de revista, e era vendida a preços acessíveis em bancas de jornal. A intenção era levar ao público histórias que ficavam às margens dos grandes jornais, especialmente àquelas relacionadas a temas políticos e sociais. Um dos livros publicados por essa editora, nessa época, é *A ilha*, de Fernando Morais, um mergulho na experiência socialista de Cuba.

Depois de um longo período em que poucos títulos foram lançados no mercado, as editoras descobriram novamente a boa receptividade que os livros-reportagem têm junto ao público. Recentemente a Companhia das Letras, uma das maiores editoras do

país, criou a coleção Jornalismo Literário, publicando algumas obras-primas, tanto de autores nacionais quanto estrangeiros. Entre os estrangeiros podemos destacar *A sangue frio*, de Truman Capote, *Hiroshima*, de John Hersey, e *Radical chique e o novo jornalismo*, de Tom Wolfe. Entre os brasileiros, *Chico Mendes: crime e castigo*, de Zuenir Ventura, *A feijoada que derrubou o governo*, de Joel Silveira são alguns dos títulos que fizeram ressurgir o gênero no mercado editorial.

5.BASES TEÓRICAS DO LIVRO-REPORTAGEM

Segundo Edvaldo Pereira Lima, "o livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística". (Lima, 1993:16)

Este aspecto efêmero da mensagem e, principalmente a superficialidade são constantemente apontados como um dos grandes pecados do jornalismo diário, dentro mesmo dos próprios veículos. A coluna *Ombudsman* do jornal *Folha de São Paulo* de 8 de maio de 2005, mostra como a superficialidade contaminou a reportagem policial:

> ...os textos ainda são predominantemente superficiais e descontextualizados. É como se cobríssemos o crime pelo crime, sem atenção para os fenômenos que o cercam. (...) Os jornais não podem continuar cobrindo apenas o factual e a ação da polícia. As reportagens são feitas nas delegacias e ignoram os personagens, as vítimas, as comunidades, as famílias, o ambiente social em que a violência e a criminalidade prosperam. As reportagens têm aspas, mas faltam histórias.

Em comparação com os outros meios, o formato livro-reportagem oferece uma série de liberdades (Lima, 1993: 69-72) que permitem a melhor abordagem de uma série de temas normalmente esquecidos pelos grandes meios. Entre elas, estão a *liberdade temática, liberdade de angulação, liberdade de fontes* – que permite a fuga do estreito círculo de fontes geralmente utilizadas e abre a possibilidade de escrever uma grande reportagem ouvindo, na maioria das vezes, pessoas desconhecidas - , *liberdade temporal* – que facilita a fuga dos "ganchos" e das e*femeridades e abre a possibilidade de um relato de contemporaneidade, e não apenas da atualidade – e liberdade do eixo de abordagem* – que acaba com a obrigatoriedade de girar em torno da factualidade, do acontecimento.

Com a liberdade de abordagem proporcionada pelo formato livro-reportagem, se contam histórias curiosas dos entrevistados ocorridas há décadas, algo que foge completamente do círculo vicioso criado pela noção de factualidade, tão utilizada na imprensa diária.

Todo esse conjunto de liberdades, somado à série de técnicas existentes para se escrever um livro-reportagem, facilita para os alunos a abordagem dos mais diversos temas. É evidente que ao longo do desenvolvimento do projeto, temos procurado estimular sempre que possível a escolha de temáticas sociais, acontecimentos importantes que foram ignorados pela grande imprensa local, e assim por diante.

Ao utilizarem o formato livro-reportagem surge também para os alunos a possibilidade de explorar a técnica e a liberdade oferecidas pelo jornalismo literário, gênero amadurecido ao longo do século 20, que une o relato jornalístico aos recursos da literatura.

De acordo com Lima, "a reportagem começa a se esboçar definitivamente no jornalismo, atrelada a um novo veículo de comunicação periódica criado nos anos 20, e a uma nova categoria de prática da informação jornalística, que tem seus primeiros passos definidos também nessa época: a revista semanal de informação geral e o jornalismo interpretativo". (Lima, 1993: 24).

O autor afirma também que, com a Primeira Guerra Mundial, descobre-se que a imprensa – que já brindava o leitor norte-americano com um volume considerável de informações – estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos. "É a partir dessa deficiência que o público passa a esperar um tratamento informativo de maior qualidade. E exatamente vindo a oferecer o atendimento a esta necessidade é que surge a revista *Time*, voltada para o relato dos bastidores, para a busca de conexões entre os acontecimentos, de modo a oferecer uma compreensão aprofundada da realidade contemporânea." (Lima, 1993: 25).

Ainda segundo o autor, com o tempo, consolida-se a prática da grande reportagem e se fortalece uma de suas formas de expressão por excelência, que é o jornalismo interpretativo, que busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia suas conseqüências no futuro (Lima, 1993:25).

Lima cita ainda dois autores que apontam as características que uma reportagem deve apresentar:

> Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari apontam a "predominância da forma narrativa", a "humanização do relato", o "texto de natureza impressionista" e a "objetividade dos fatos narrados", frisando: "Conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque.Mas será sempre necessário que a narrativa esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem". (1993, p. 28).

O Manual de Redação da Folha de S. Paulo afirma que as reportagens "têm por objetivo transmitir ao leitor, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser constatadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, idéias e produtos relevantes. Para tanto, elas se valem de ganchos oriundos da realidade, acrescidos de uma hipótese de trabalho e de investigação jornalística." (2001:24).

Ao entender a reportagem como a ampliação da notícia, chega-se à conclusão de que o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. (Lima, 1993: 29).

O livro-reportagem serve como instrumento para suprir as lacunas deixadas pelo muitas vezes fragmentado e descontextualizado jornalismo diário, seja nos meios impressos, no rádio e na televisão ou na Internet. As já citadas liberdades que ele oferece contribuem para um aprofundamento ainda maior. Além disso, a falta de espaço nesses meios não ocorre no livro-reportagem que, muitas vezes, é fruto da inquietação e do interesse do jornalista em trazer ao leitor uma visão mais aprofundada. Essas vantagens do livro-reportagem não significam, no entanto, que ele sempre apresentará qualidade superior ao jornalismo convencional – ele tem potencial para tal, mas o resultado depende muito do talento do autor, da abrangência do tema, das condições de produção, do profissionalismo da editora e assim por diante.

O livro-reportagem é, por todos esses motivos, uma obra de autor, mesmo quando surgido após sua publicação, fragmentada ou não, em jornais ou revistas. *Hiroshima*, de John Hershey, ocupou uma edição inteira da revista norte-americana *The New Yorker* – foi o primeiro caso de uma edição monotemática da revista -, mas nem por isso deixa de ser uma obra de autor. Por isso mesmo, o jornalista não precisa nem sequer estar vinculado a determinado veículo impresso para escrever um livro-reportagem. Os livros *Abusado* e *Rota 66*, por exemplo, obras de Caco Barcellos, foram publicados quando ele já era repórter da TV Globo.

O autor Fernando Morais pode ser tomado como "autônomo": quase todos os livros-reportagem que publicou entre eles *Olga, Chato, o rei do Brasil e Corações Sujos*, são frutos de trabalho individual e desvinculado de qualquer veículo jornalístico. Nesse aspecto, *Estação Carandiru* é ainda mais radical: seu autor, Dráusio Varella, nunca foi jornalista. É um médico com grande talento para a escrita e que também demonstra habilidade na apuração das histórias. Por todos esses motivos, o livro-reportagem pode fugir do chamado "gancho", assim defendido pelo Manual de Redação da Folha de S. Paulo:

> Todas as reportagens devem partir do gancho jornalístico. A situação política dos Estados Unidos, por exemplo, é um tema permanente que adquire sentido atual em situações como a eleição presidencial, uma candidatura em ascensão ou uma votação polêmica no Congresso americano – que são os ganchos jornalísticos. A relação do gancho com uma reportagem não deve ser automática, mas sim passar pelo crivo do jornalista, pela sua análise crítica. Isso deve ser feito porque muitos fatos são "construídos" com o objetivo de conseguir sua entrada na mídia. (2001:24)

Em *O que é livro-reportagem*, Edvaldo Pereira Lima afirma que o livro-reportagem foge de limitações como o vício de se ater aos fatos da atualidade, ao "gancho", isto é, a ocorrência do presente que justifique buscar alguma coisa do passado. Ao fazer isso, o jornalismo convencional deixa de atender à recomposição de episódios marcantes da contemporaneidade, mas que não são rigorosamente atuais se os olhamos sob um limitado prisma de tempo(1993:14) . Mais tarde o autor afirma que, quanto ao conteúdo, o livro-reportagem trata de temas que correspondem ao real, mas nem sempre correspondendo a um acontecimento central, podendo tratar-se de questões ou idéias mais ou menos duradouras, que refletem um estado de coisas. (1993:27-28)

6.A PRODUÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Entre os mais de trinta trabalhos de conclusão de curso no formato livro-reportagem já apresentados pelos alunos desde o início do projeto, destacamos alguns, seja por algumas inovações de linguagem, pela temática social e principalmente pela criatividade literária.

No início de 2004 os alunos Fernando Jasper e Anne Warth apresentaram o livro *Daqui a gente não sai!* , um retrato dos moradores da Vila da Torres em Curitiba, uma

favela com oito mil habitantes localizada em frente ao imponente prédio da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, uma área nobre da capital paranaense.

Todas as liberdades oferecidas pelo formato, facilitaram para os alunos a abordagem dos mais diversos aspectos inerentes à Vila das Torres – o início da ocupação, a chegada dos migrantes do interior do Paraná e o conseqüente crescimento populacional, as ações da polícia no passado e no presente, as diversas tentativas de despejo, as lideranças mais importantes, o processo de regularização fundiária, as tentativas de urbanização da vila, o drama dos catadores de papel, o tráfico de drogas e a criminalidade, os problemas de saúde, a situação atual e as perspectivas para o futuro. Juntar tudo isso em uma matéria de jornal, por exemplo, tornaria o texto superficial ou, no máximo, faria com que se aprofundasse em certos aspectos, mas fosse obrigado a omitir outros.

Os alunos puderam contar a história da comunidade sem precisar de um "gancho jornalístico", como por exemplo, um assassinato que ocorra dentro da favela e que muitas vezes serve de pretexto para matérias negativas na imprensa local. Segundo Sérgio Vilas Boas, ao se eliminarem os aspectos fáceis e óbvios, o que vem à tona é o evento das entrevistas, a vida do personagem, sua trajetória, seus altos e baixos, suas realizações (2003:11). O livro ganhou a Expocom de 2004[4].

No final de 2005 as alunas Caiti Skroch e Lílian Bittencourt apresentaram o livro *7 Vidas* , onde retrataram o cotidiano de adolescentes infratores alojados no Educandário São Francisco, de Curitiba. O local foi palco de uma violenta rebelião em setembro de 2004, que terminou com a morte de sete menores. O episódio foi tratado pela imprensa local e nacional como um ato de vandalismo dos menores que acabaram matando uns aos outros, sem apurar condições de alojamento, violência, histórico, etc.

Neste livro as autoras usaram com perfeição o recurso do *diálogo realista* descrito por Wolfe. O trabalho recebeu o primeiro lugar no prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense de 2006. [5]

Outro dos recursos descritos por Wolfe – o da *caracterização composta* – foi usado pelas alunas Cláudia de Paula e Cristiane Trevisan no livro *1964: uma história que não dá pra esquecer.* As autoras levantaram uma série de episódios envolvendo o golpe militar de 1964, com personagens reais que moravam em Curitiba e foram

[4] Promovida pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom – é a mais importante premiação nacional para estudantes de Jornalismo.
[5] O Sangue Novo é promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e é a mais importante premiação regional para estudantes de Jornalismo.

atingidos direta ou indiretamente pela ditadura militar. Foi criado um personagem que fazia a ligação entre as várias histórias, sem qualquer alteração, apenas como recurso literário.

Outro vencedor do Sangue Novo no Jornalismo Paranaense (2005) foi o livro *A campanha dos 12 dias*, dos alunos Mariana Ramos e Fabiano Klosterman. Nele os alunos contaram saborosas histórias de bastidores de uma campanha política que marcou a história política do Paraná: a eleição para prefeito de Curitiba em 1988 de Jaime Lerner (que posteriormente foi governador do Paraná em duas oportunidades), entrando na corrida eleitoral apenas doze dias antes da eleição. A *construção cena por cena* descrita por Wolfe foi muito bem utilizada neste livro-reportagem.

Para finalizar destacamos ainda o trabalho da aluna Karla Losse, apresentado no final de 2006: *Desculpas nem sempre são sinceras* traça um vigoroso retrato sobre a violência doméstica contra a mulher. A autora inovou na linguagem, contando todas as histórias na primeira pessoa, intercaladas com depoimentos de autoridades e dados estatísticos sobre a violência contra a mulher.

7.CONCLUSÃO

Embora tenha iniciado em 2002, com a elaboração do primeiro livro-reportagem por um aluno do curso de Jornalismo como trabalho de conclusão, o projeto de pesquisa foi registrado na Universidade Federal do Paraná em março de 2005, mas já apresenta resultados altamente satisfatórios: primeiro lugar no Expocom de 2004; primeiro lugar em 2005, primeiro e segundo lugares em 2006, e segundo e terceiro lugares em 2007, sendo os cinco últimos no Sangue Novo no Jornalismo Paranaense.

Entre os alunos a receptividade para o novo projeto tem sido de razoável para boa, ainda longe do que gostaríamos de alcançar. A maior dificuldade para o projeto tem sido a divulgação dos excelentes trabalhos produzidos pelos alunos ao longo do período. Apenas uma editora local demonstrou interesse na criação de uma coleção sobre livros-reportagem, mas posteriormente alegou dificuldades financeiras para não levar a idéia adiante. A não publicação dos trabalhos acaba gerando um sentimento de frustração entre todos os envolvidos.

Os alunos passam em média um ano trabalhando na produção de um livro-reportagem, desde a definição do tema, pesquisa bibliográfica, busca de fontes,

entrevistas até a redação do produto final, que acaba circulando apenas entre os envolvidos no projeto e convidados para as bancas dos trabalhos de conclusão de curso.

Para tentar resolver o problema, mesmo que de maneira parcial, estamos cogitando a idéia da criação de um sítio – ligado à Universidade Federal do Paraná – onde seriam disponibilizados todos os trabalhos ligados à disciplina e ao projeto sobre livro-reportagem, além de textos envolvendo jornalismo literário, fóruns de discussão, possibilidade da divulgação da produção de outras instituições de ensino superior que tenham as mesmas dificuldades que estamos encontrando.

Apesar de todas as dificuldades citadas acima relacionadas ao projeto, a disciplina que trata do tema livro-reportagem tem atraído um número cada vez maior de alunos, inclusive das habilitações Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, além de Jornalismo. A matrícula na disciplina, por se tratar de optativa, não obriga o aluno a participar do projeto. Apenas os que elegem o livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso tem obrigação de vinculação com o mesmo.

É importante deixar claro que tanto o projeto de pesquisa quanto a disciplina, não têm como único objetivo a obtenção de prêmios na categoria livro-reportagem – estes são apenas conseqüências de um trabalho bem-feito – mas sim formar jornalistas conscientes de seu papel em uma sociedade cada vez mais ávida por informação de qualidade, e não somente em quantidade.

Para finalizar citamos uma vez mais as palavras de Garcia Marquez:

> Pues el periodismo es una pasión insaciable que sólo puede digerirse y humanizarse por su confrontación descarnada con la realidad. Nadie que no la haya padecido puede imaginarse esa servidumbre que se alimenta de las imprevisiones de la vida. Nadie que no lo haya vivido puede concebir siquiera lo que es el pálpito sobrenatural de la noticia, el orgasmo de la primicia, la demolición moral del fracaso. Nadie que no haya nacido para eso y esté dispuesto a vivir sólo para eso podría persistir en un oficio tan incomprensible y voraz, cuya obra se acaba después de cada noticia, como si fuera para siempre, pero que no concede un instante de paz mientras no vuelve a empezar con más ardor que nunca en el minuto siguiente.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, C. **Rota 66:** a história da polícia que mata**.** São Paulo: Editora Globo,1994.

BARCELOS, C. **Abusado***:*o Dono do Morro Dona Marta*.* Rio de Janeiro: Record,2003.

CAPOTE, T. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DIMENSTEIN, G. & KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus,1990.

FERREIRA, C.A.R. **Literatura e jornalismo**, práticas políticas. São Paulo: Edusp,2003.

MARQUEZ, G.G. **Notícias de um seqüestro**. Rio de Janeiro: Record,1996.

HERSEY, J. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

KLEIN, A.J. **Contra ataque**. Rio de Janeiro: Ediouro,2005.

KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: Atica,1989.

LIMA, E.P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense,1993.

LIMA, E.P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp,1993.

MORAIS, F. **Cem quilos de ouro:** e outras histórias de um repórter. São Paulo: Companhia das Letras,2003.

VILAS BOAS, S. **Perfi***s:* e como escrevê-los. São Paulo: Summus,2003.

WOLFE, T. **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Anagrama,1975.